

De São Cristóvão para Botafogo: as festas cariocas em homenagens aos reis da Bélgica (1920)

Resumo

Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/PPGHIS).

lpfagundes392@hotmail.com

Convidados pelo então presidente Epitácio Pessoa, os soberanos da Bélgica, Alberto I e Elisabeth chegaram à cidade do Rio de Janeiro em 19 de setembro de 1920 e partindo em 16 de outubro do mesmo ano. Durante esse tempo de permanência, visitaram o interior dos estados Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Este artigo tem como objetivo analisar através da imprensa carioca algumas das festas organizadas em sua homenagem, são elas: a Festa Infantil da Quinta da Boa Vista e a Festa Veneziana, realizadas na cidade do Rio de Janeiro e organizadas pelo governo do Distrito Federal. Através da imprensa carioca é possível vislumbrar a grande expectativa que se tinha com relação às duas festas, surgindo questões interessantes, como por exemplo, de que forma tais eventos são “lidos”, pela imprensa, e como as críticas ou elogios que suscitaram fazem referência a conflitos e tensões presentes nesta sociedade.

Palavras-chave: Festas. Imprensa. Primeira República.

Abstract

Invited by the Brazilian president Epitácio Pessoa, the Belgian sovereigns Alberto I e Elisabeth arrived in the Rio de Janeiro in September 19th of 1920 and left in October 16th of the same year. During that time, they visit the countryside of Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. The main purpose of this essay is to analyze thought Rio de Janeiro's press some of the parties organized in their honor like the Festa Infantil da Quinta da Boa Vista and the Festa Veneziana. Both parties were planned by the government of the Federal District. Through Rio de Janeiro's press it is possible to observe in what way does the press 'reads' the series of events that occurred during the visit of the Belgian kings, and in which way the critics and complements that they raised were in fact a reference of conflicts and tensions that were present in the Brazilian

society of that time.

Key-words: Parties. Press. First Republic.

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo abordar algumas das festas organizadas em homenagem aos reis da Bélgica durante sua visita ao Brasil em 1920, são elas: a Festa Infantil da Quinta da Boa Vista e a Festa Veneziana. Ambas realizaram-se na cidade do Rio de Janeiro, e foram organizadas pelo governo do Distrito Federal. Através da imprensa carioca é possível vislumbrar a grande expectativa que se tinha com relação às duas festas. A primeira, a Festa Infantil, reuniria os alunos das escolas cariocas em uma enorme celebração na Quinta da Boa Vista, e a segunda, a Festa Veneziana, enfeitaria a enseada de Botafogo com barcos especialmente decorados.

Tais festas faziam parte de um programa de comemorações mais amplo, que incluía viagens aos estados de São Paulo e Minas Gerais, e também visitas as cidades fluminenses de Petrópolis e Teresópolis. A montagem de tal programa não ocorreu sem suscitar algumas questões, presentes também, na organização da Festa da Quinta da Boa Vista e da Festa Veneziana. Afinal, não se tratava de qualquer visitante, mas de um rei consagrado nos campos de batalha da Grande Guerra como um grande herói, um personagem que adquiriu “conceito universal”, pois, “conseguiu reunir o apreço de todo o mundo e uma admiração sem restrição” (*O Paiz*, 8 de abril de 1920). Outro ponto interessante, que contribuía para dar um significado especial ao evento, residia no fato da visita do rei Alberto ao Brasil constituir a primeira de um monarca europeu a uma República da América do Sul.

As primeiras notícias sobre a visita do rei Alberto foram publicadas entre os meses de fevereiro e abril de 1920, e procuraram ressaltar a importância e o significado de tal evento. Quando se aproxima o dia da chegada do rei (19 de setembro de 1920), tais notícias aumentam consideravelmente na forma de grandes reportagens sobre os soberanos belgas, especialmente sobre o rei e seus feitos durante a guerra. Foram selecionados para este estudo jornais de grande circulação, como *Jornal de Brasil*, *Correio da Manhã* e *O Paiz*; também foi incluído o jornal vespertino *A Noite*.

É perceptível o papel importante que a imprensa teve neste evento, com suas reportagens diárias, ela funcionou como um vetor de socialização ao incentivar o envolvimento dos espectadores no evento (WANDERLEY, 1998).

Como pensar então, as festas? O trabalho de Norberto Luiz Guarinello¹ fornece alguns referenciais, ao observar as festas como momentos onde o tempo social sofre uma interrupção, ou seja, há uma suspensão temporária das atividades diárias, e uma concentração das atenções em torno de um objeto específico. São eventos preparados, custeados, planejados e montados seguindo regras peculiares a cada um deles, assim, apesar das diferenças existentes entre as fes-

1. Utilizo como referência o artigo Luiz Guarinello intitulado *Festa, trabalho e cotidiano*, publicado na coletânea organizada pelos historiadores JANCSÓ, I. e KANTOR, I. (org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

tas selecionadas para este estudo, é cabível considerar algumas características em comum entre elas, pois, além de fazerem parte das homenagens oficiais aos reis belgas, seu sucesso estava intrinsecamente ligado a grande afluência do público.

Guarinello coloca também, que é possível pensar a festa como parte de um jogo com regras próprias que intermedeiam as disputas simbólicas que ocorrem em seu interior. Criando também uma linha fronteira, entre incluídos e excluídos da festa, ou seja, como bem observou Maurício Parada, tais cerimônias definem os limites da participação de cada um dos agentes sociais, criando um campo de possibilidades capaz de dar ao espectador os limites de sua intervenção (PARADA, 2003).

Neste sentido, o público ocupa importante papel, determinando também o próprio significado das festas. Surgem, então, questões interessantes neste momento, como por exemplo, de que forma tais eventos são “lidos”, pela imprensa, e de que forma as críticas ou elogios que suscitaram fazem referência a conflitos e tensões presentes nesta sociedade. Afinal, a festa não produz necessariamente consenso, como produto da realidade social, a festa expressa essa realidade, com seus conflitos e tensões, atuando também sobre eles.

Enfim, a visita dos reis belgas se desenrola em um período marcado por intensas agitações, especialmente o ano de 1922 que “aglutinou uma sucessão de eventos que mudaram de forma significativa o panorama político e cultural brasileiro” (FERREIRA 2003: 389). Tais eventos² constituem alguns exemplos das grandes modificações pelas quais passava a sociedade brasileira, com um crescimento populacional acelerado e em pleno processo de modernização, visível principalmente nas cidades, é perceptível a emergência de novos grupos sociais como as camadas médias e a classe trabalhadora. O último ano do governo de Epitácio Pessoa foi marcado ainda pela comemoração do Centenário da Independência, um momento rico para se trabalhar questões como a reconstrução de uma identidade nacional.³ Neste sentido, as festas organizadas levantam questões interessantes que perpassam alguns dos dilemas vividos neste momento.

2. À espera do rei Alberto: a organização das festas

Pensar as recepções, passeios ou comemorações que seriam oferecidas ao tão honrado rei belga não seria tarefa das mais fáceis, por isso, o presidente Epitácio Pessoa nomeou uma comissão encarregada desses preparativos, cuja presidência coube ao Ministro das Relações Exteriores, o Sr. Azevedo Marques. Os outros componentes da comissão eram: Carlos Sampaio, prefeito do Distrito Federal; Oscar Weinshenek, Olyntho de Magalhães, Arnaldo Guinle e Affonso Vizeu. Assim, quaisquer sugestões ou propostas relativas à programação dos soberanos no Brasil, deveriam ser levadas a esta comissão que as incluiria ou não no programa.

Os trabalhos da comissão foram acompanhados de perto pelos jornais, que publicavam cons-

2. Faço referência aqui às crises entre o governo e os militares, em específico, a revolta dos 18 do Forte de Copacabana, ao pensamento de vanguarda expresso na Semana de Arte Moderna em São Paulo, e a outros eventos importantes como a fundação do Partido Comunista do Brasil.

3. Sobre o Centenário da Independência em 1922 ver o estudo de MOTTA, M. S. *A Nação faz 100 anos. A questão nacional no centenário da Independência*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, 1992.

tantemente novidades sobre a programação dos reis, em uma dessas notas o jornal *A Noite* comentou que o objetivo da comissão era simplificar as festas, fazendo - as melhores e menos fatigantes para atender aos desejos de suas majestades (*A Noite*, 05 de julho de 1920). Nos meses de junho, julho e agosto se multiplicaram as opiniões publicadas nos jornais sobre como deveríamos receber os régios visitantes.

Neste contexto, foi feita ao Conselho Municipal a proposta da Festa Veneziana pelos cenógrafos Ângelo Lazzary, Jayme Silva e Fiúza Guimarães, famosos por seus trabalhos anuais nos préstitos carnavalescos dos três grandes *clubs* da cidade. O jornal *A Noite* noticiou que a idéia de fazer um carnaval à noite na enseada de Botafogo, foi muito bem recebida pelos conselheiros municipais. O projeto foi então, encaminhado à comissão encarregada da organização do programa de recepção dos soberanos belgas (*A Noite*, 23 de julho de 1920).

Não apenas os integrantes da comissão gostaram da idéia, mas também o jornal *Correio da Manhã*, que publicou um artigo elogiando a inclusão de um “carnaval” no programa. Para o jornal, o programa sofria “de uma deplorável ausência de alma, de imaginação, de cor local”, era preciso algo a mais no programa, “algo acerca do nosso feitio de povo”. Era preciso um carnaval, e o jornal explica o porquê da importância de tal inclusão no programa:

Dentro de um protocolo rígido, encerrado num sitio de muralhas chinesas, o soberano seria capaz de pensar que, longe de uma república, os ventos e o couraçado S.Paulo o haviam trazido, (...) a assistir augustas solenidades de cortes antigas. Não precisaria, pois, de deixar o seu palácio, para se enterrar do mesmo modo na fúnebre tristeza da pragmática, que nenhum monarca destes tempos já suporta. Mas, até que enfim, apareceu ontem quem tivesse uma inspiração feliz e completa. É a de um carnaval à noite, nas águas da Guanabara. Nada então de pragmática, nem de protocolo. Ao sacudido som do Papagaio Louro, o delírio de uma população inteira, esquecida de todas as magoas, dos créditos ilimitados e da carestia de vida, deixada sem remédio, saudará, sim, com os mais inauditos transportes, o rei que oferecerá mais uma oportunidade as explosões do maior de seus prazeres. Estamos a apostar que, perante o espetáculo singularíssimo de tamanho desvario coletivo, o rei Alberto não resistirá! Os seus olhos, (...), verão como paradoxalmente, entre as angustias desta hora universal, um povo que pode engendrar o verdadeiro paraíso da felicidade! Faltava um carnaval. Vamos tê-lo... (*Correio de Manhã*, 24 de julho de 1920).

O artigo sugere que as festas protocolares, que estariam a princípio sendo organizadas não se identificavam com as ‘verdadeiras’ características de uma república e de seu povo. Nesse caso, o ideal seria, ao som do sucesso do carnaval passado (*Papagaio Louro*, marchinha composta por Sinhô) organizar uma festa que pudesse incluir grande parte da sociedade, uma festa popular, que se associou ao carnaval. Aparece também, a noção do carnaval como válvula de escape, momento em que o povo esqueceria no dinheiro que se estava gastando para a preparação das festas e nos seus problemas rotineiros (CUNHA, 2001: 254). São colocadas as características de toda uma população alheia ao formalismo e ao protocolo.

Mas a alegria do jornal com a inclusão deste suposto “carnaval” duraria pouco, no mesmo dia o jornal *A Noite* publicou uma entrevista com um dos cenógrafos responsáveis pela festa, o Sr. Ângelo Lazzary que procurou o jornal para esclarecer o que seria, afinal, a Festa Veneziana, ou seja, não era um carnaval como se estava colocando.

Na entrevista o cenógrafo explicou que a festa na enseada de Botafogo constaria de um conjunto de barcos decorados em telas transparentes e cenografia luminosa, “coisa que pela primeira vez se fará no Rio de Janeiro e quiçá na América do Sul”, apontou o artista. Comentando o seu objetivo e dos outros artistas envolvidos no projeto, Lazzary colocou que estes não se limitariam a fazer “um carnaval marítimo”.

Nós pretendemos fazer mais. Nós queremos dar ao rei herói, na festa que se projeta sobre as águas da Guanabara, uma expressão de arte que dignifique os artistas brasileiros. A festa veneziana projetada é mais que um carnaval no mar, é a maior apoteose que se fará na mais bela baía do mundo, ao maior soldado da conflagração européia (*A Noite*, 24 de julho de 1920).

A associação da Festa Veneziana com o carnaval estaria, a princípio, desfeita. A declaração do cenógrafo evidenciou a necessidade de mostrar ao rei algo superior ao carnaval que apesar de fazer referência a Veneza, e assim ao seu famoso carnaval, se distanciava deste tipo de festa, se colocando como algo mais digno de se apresentar.

Sem carnaval, restaria a noção de que as festas para os reis belgas seriam marcadas pelo restrito protocolo, e assim, por uma distância entre o público e os reis. É o que ressaltou Oscar Lopes neste artigo no jornal *O Paiz*. Ao comentar sobre as festas próximas, caracterizadas por “um severo protocolo regulador de tudo”, o jornalista acrescenta que ao carioca só restará uma coisa a fazer: esperar “o desenrolar de brilhantes acontecimentos”, onde ele encarnará o papel de “espectador deliciado” (*O Paiz*, 25 de julho de 1920).

Mas, com relação à festa da Quinta da Boa Vista é possível perceber a grande mobilização que esta implicaria, principalmente aos alunos e professoras das principais escolas da cidade. A festa foi proposta com o objetivo de homenagear a rainha dos belgas, Elisabeth. O jornal *O Paiz* noticia alguns detalhes desta comemoração:

(...) embora ainda não sejam conhecidos os detalhes da projetada homenagem a graciosa soberana, sabe-se que a idéia já em execução é a de uma festa escolar, na qual tomarão parte três mil crianças, trajadas com as cores brasileiras e belgas. Haverá também uma formatura dos colégios militarizados e um grande concerto sob a regência do maestro Francisco Braga. (...) Será uma festa simples, mas de uma grande beleza, que há de corresponder as preferências conhecidas dos nossos régios hospedes. Tem presidido a organização das festas em homenagens aos reis belgas a preocupação de evitar tudo quanto possa parecer excessivo ou espetaculoso. Por isso mesmo, a Prefeitura preferiu realizar uma festa escolar com um programa original (*O Paiz*, 03 de setembro de 1920).

Estas seriam algumas das características que marcariam as duas festas, sendo que com a chegada do rei e a proximidade de sua realização mais detalhes sobre sua organização são colocados.

3. E vai rolar a festa: a realeza belga na cidade

No dia 19 de setembro de 1920 os soberanos belgas finalmente aportaram em nossas praias.

O desembarque na cidade do Rio de Janeiro foi marcado por uma grande apoteose, páginas inteiras dos jornais foram reservadas para descrição dos acontecimentos deste único dia, onde grande parte da população da cidade foi às ruas receber o tão esperado rei da Bélgica. Após serem recebidos pelo presidente da República e pelo prefeito, entre outros membros do governo, os soberanos belgas seguiram em carro aberto pela Avenida Rio Branco, especialmente decorada para a ocasião, passando pelo Flamengo até o Palácio Guanabara onde ficaram hospedados.

Os primeiros eventos que constavam da programação oficial eram a visita do rei ao Palácio Monroe, o Banquete Oficial no Palácio do Catete e a Parada Militar no Campo de São Cristóvão. A Festa Infantil da Quinta da Boa Vista e a Veneziana eram esperadas com grande ansiedade pela população, marcadas, para a última semana de setembro. No entanto, a programação dos reis sofreu uma série de alterações, em grande parte, devido ao mau tempo, o que levou a sua reorganização e ao adiamento destas duas festas para os últimos dias da permanência dos reis no Brasil: 14 e 15 de outubro.

Enquanto acompanhavam a rotina dos reis, os jornais publicavam diariamente notas sobre a preparação dos eventos que ainda estavam por vir, dentre eles as duas festas municipais.

Nesse sentido, se a Festa Veneziana levantou algumas questões quando foi proposta, seria agora a vez da Festa Infantil na Quinta da Boa Vista ocupar esse espaço, recebendo atenção especial da imprensa. O *Jornal do Brasil* expressou sua opinião ao colocar que esperava que não se repita nesta festa “a desordem comum nessas reuniões, em que a meninada é apenas um motivo decorativo” (*Jornal do Brasil*, 27 de setembro de 1920).

Sobre a organização do evento, o jornal *O Paiz* publicou algumas cartas enviadas às professoras pela Instrução Municipal. Em uma delas foi explicado resumidamente o programa da festa, os desfiles e cantos que seriam executados, sendo apontadas preocupações com a segurança das crianças:

Todas as escolas ficarão isoladas da multidão, perfeitamente acauteladas de natureza de confusões, dados os ajuntamentos do povo em festas dessa ordem, de sorte que não se verifique nenhum atropelo e fiquem as crianças cercadas de todos os cuidados (*O Paiz*, 24 de setembro de 1920).

A carta ainda acrescentou que o traje dos alunos será o mais simples possível, dado o “caráter democrático da festa”, os alunos receberão também merenda e refrescos. No dia seguinte o jornal publicou outra notícia sobre “A Festa popular da Quinta da Boa Vista”, ressaltando que será a primeira festa do programa de “caráter eminentemente popular”, sendo franca a entrada no grande parque de S. Cristóvão. Apenas um trecho do parque seria restrito, esclarece o jornal, o destinado à festa protocolar, no entanto, tal recinto poderá “ser apreciado pelo grande público”.

O jornal ressaltou ainda que na festa “tomarão parte todas as crianças pobres ou não, sem distinção de cor ou classe”. A carta circular enviada pelo Diretor de Instrução às professoras fornece uma melhor noção do propósito da festa:

“Sra professora – No desejo de festejarmos condignamente a excelsa e bondosa rainha dos belgas, digna da nossa simpatia e das nossas cordiais atenções, é do gosto do Sr. Prefeito

reunir as crianças das escolas municipais, e com o seu concurso, gentil e delicado, empreender um brilho excepcional, de caráter puro e inocente, as nossas manifestações de agrado e de mimo (...). Para o completo êxito (...), pede o sr prefeito que a senhora professora se esforce sinceramente junto a sua escola, preparando e animando os seus alunos para comparecerem a festa infantil, cuja realização terá lugar na Quinta da Boa Vista, na garantia de seu maior fausto graças ao número elevado e a alegria da criançada. Em nome do sr prefeito, muito reconhecimento a senhora professora, por esse seu positivo e eficaz auxílio. Saudações – O diretor geral (*O Paiz*, 25 de setembro de 1920).

As professoras foram então encarregadas de incentivar os alunos a participar do evento, afinal, quanto maior o número de crianças, maiores as chances de sucesso do evento. A festa aparece também, tanto nas cartas enviadas pela Instrução de Ensino, quanto no jornal como um evento “democrático e popular”, no entanto, a publicação de uma carta pelo jornal *A Noite* contrasta com esta caracterização do evento. A carta é de uma mãe cujos cinco filhos foram convocados para participar da festa. Segundo ela, seus filhos retornaram da escola com as seguintes instruções:

- a) No dia 11 próximo todos deverão estar as 10 horas na sede da escola, as meninas de vestidos brancos, meias brancas de cano alto e sapatos da mesma cor do vestido; os meninos de costume e chapéu de linho branco, botinas e meias pretas;
- b) Deverão levar flores;
- c) Regressarão as 5 da tarde a mesma sede escolar.

(*A Noite*, 12 de outubro de 1920)

Criticando os custos das vestimentas exigidas para a apresentação na cerimônia, a mãe colocou ainda que foi informada que 50% dos alunos não iriam comparecer por falta de recursos dos pais para comprar o material. Outro ponto também não a agrada, o horário “infeliz” marcado para o início da festa, devido ao grande calor da época. A mãe só não reclamou das flores que são pedidas aos alunos, segundo ela “destino que lhes vão dar é justo, e gentil, e expressivo (...) por se endereçarem ao coração da rainha, da esposa e da mãe que mais sofreu na maior guerra que a historia registra” (*A Noite*, 12 de outubro de 1920).

Chega afinal o dia marcado para a festa, sendo os seus primeiros momentos assim descritos pelo jornal *Correio da Manhã*:

Dia formoso, de muito sol, foi ao mesmo tempo, de calor causticante e insuportável, o que concorreu para que as milhares de crianças, que formavam parte na festa sofressem impiedosamente, passando horas de fome, de sede, desmaiando a forte radiação solar e desfalecendo de fraqueza. As pobres criancinhas, que compareceram à festa com o maior entusiasmo e sem a menor alimentação, estiveram completamente abandonadas da comissão organizadora do festival. Muito cedo, dirigiam-se as escolas para a Quinta. As respectivas diretoras, ingenuamente, acreditaram que as suas alunas teriam cuidados, carinho, e o conforto necessário; mas assim não aconteceu porque estiveram longo tempo (...) ao rigor do sol (*Correio da Manhã*, 15 de outubro de 1920).

O cenário, pouco animador, descrito pelo jornal, é agravado pela demora no início das festividades, que estavam marcadas para as 13 horas e só começaram às 14 horas e 30 minutos com

a chegada dos soberanos belgas ao parque:

Então teve início o programa com o número da parada infantil e desfile, em que tomaram parte os alunos de diversos colégios (...) Passaram-se depois os reis dos Belgas para o grande pavilhão, armado ao lado da esplanada do Museu Nacional. Durante o tempo que os Augustos Soberanos permaneceram no Pavilhão receberam ambos inúmeros ramos de belas flores e lindas palmas arranjadas em grandes buquês. Terminado o desfile e o Cortejo Ginástico realizaram-se evoluções dos alunos municipais, que compunham simultaneamente, com as cores de suas vestes e movimentos, as bandeiras belga e brasileira, número esse que foi de um belo efeito (*Jornal do Brasil*, 15 de outubro de 1920).

A descrição do *Jornal do Brasil* faz referência às duas primeiras partes do programa: A Parada Juvenil, com efetivo de 3.200 alunos de colégios federais e particulares e o Cortejo Ginástico com desfile de todas as escolas do município. Evoluções que, segundo *O Paiz*, teriam sido prejudicadas pelo rompimento dos cordões de isolamento pelo público (*O Paiz*, 15 de outubro de 1920).

A parte seguinte do programa constituiu-se de um concerto instrumental sob a regência do maestro Francisco Braga, das bandas militares, com a execução do Hino Nacional Belga, trecho da ópera *O Guarany* de Carlos Gomes, *marcha Brasil* de Francisco Braga e o hino nacional brasileiro. A quarta parte do programa comportava um desfile náutico realizado nos lagos do parque pelos clubes Boqueirão, Natação Vasco da Gama, Botafogo, Internacional e São Cristóvão. A última parte do programa englobava sua parte dramática e literária, com a interpretação da peça *Aux temps de Le Roi Albert* de Rapahel Pinheiro, que acabou não sendo apresentada para o rei. Explicou o jornal *O Paiz*, que às 16 horas, o rei Alberto e sua comitiva se retiraram da Quinta devido à temperatura elevada que provocou cansaço geral (*O Paiz*, 15 de outubro de 1920).

Deixando a Quinta da Boa Vista, os soberanos se dirigiram ao Palácio Guanabara, onde o rei trocou suas vestimentas e partiu para Copacabana, provavelmente para tomar seu habitual banho de mar.⁴ Enquanto isso, na Quinta da Boa Vista, o chá reservado aos reis no pavilhão armado junto ao Museu Nacional foi invadido pela multidão, o chá degenerou um “pitoresco avança que nem os impropérios dos garçons pouco delicados conseguiram evitar” (*O Paiz*, 15 de outubro de 1920). Referências ao “avanço” no *lunch* também foram feitas pelo *Jornal do Brasil* considerado “escandaloso e censurável” (*Jornal do Brasil*, 15 de outubro de 1920).

Sobre a Festa da Quinta Boa Vista, é possível observar, tomando como base o estudo de Hercidia Mara Facuri Coelho Lambert, que sua organização se assemelha às festas cívicas organizadas na Primeira República, com a inclusão de vários aspectos militares ao evento, como as bandas militares e, principalmente a Parada Infantil (primeira parte do evento) que se caracterizava por uma Brigada Escolar comandada por oficiais do Exército. Segundo Lambert, esta militarização do ritual nas festas republicanas pode ser observada como uma forma de legitimar o regime perante a população, ou seja, “a maneira encontrada para preencher o vazio deixado pela ausência do rei e da liturgia monárquica” (LAMBERT, 1994: 123).

4. *A Noite*, 14 de outubro de 1920. Durante sua permanência na capital, o rei Alberto e também a rainha Elisabeth tomaram freqüentes banhos de mar na praia de Copacabana.

No entanto, a desorganização do evento deixaria impressões nada agradáveis na imprensa, sendo o jornal *A Noite* o mais enfático ao caracterizar o evento como “A Festa de tortura infantil”. Em sua descrição, o jornal ressaltou que não havia *buffet*, mas sim, “o sol, intenso como nunca a tostar aquelas carinhas rosadas”, os “refrescos prometidos, os sanduíches, os doces, tudo eram fantasias da Prefeitura!”. As escolas “erravam de um lado para o outro à procura de uma árvore, em meio a algazarra, figuravam carros da Assistência Municipal que iam e vinham carregando crianças”. O jornal também acusou o ministro da Guerra de ter impedido os fotógrafos de registrar as crianças desmaiadas devido ao forte calor.

Descreveu, então, um quadro bem desanimado para a festa:

Os próprios guarda civis, (...) protestavam indignados contra a festa, contra a desumanidade de seus organizadores e a desordem de tudo. (...) Era, 2 e meia da tarde. Os reis ainda não haviam chegado, mas em todo o espaço povoado de crianças fatigadas se notava o aspecto de um fim de festa. As bandeiras de papel desfiadas pelo chão, os estandartes das escolas abandonados, e os pequeninos, (...) extenuados ao sol, sem ânimo, chorando ou reclamando água! (*A Noite*, 14 de outubro de 1920)

No seguinte ao evento, o jornal continuou com suas críticas. A festa teria se transformado em “um campo de batalha” de onde saíram vitoriosas “a fome, a sede, a fraqueza e o sol”. Segundo o jornal, haveria uma impressão de revolta pela “desumana desorganização” “por todos os pais de família, por todas as professoras”. Jornal ainda comenta o fato do Ministro da Guerra ter impedido que fossem tiradas as fotografias “da infância que tombava no campo como que fulminada”, o que caracterizava como “um atentado a liberdade de imprensa”, mas “com ou sem fotografias”, deve-se “evitar a reprodução dessa estúpida festa” (*A Noite*, 15 de outubro de 1920).

Para o jornal, tornou-se então mister evitar a reprodução de festas como a da Quinta:

Os pais, levados pelo entusiasmo das crianças e, talvez, mais do que isso, pelas ordens das professoras, que as recebem por sua vez da Diretoria de Instrução e esta do prefeito, consentem facilmente que seus filhos vão figurar nessas formaturas, absolutamente impróprias com o nosso clima, e que quase sempre se realizam em tempo de calor. A de ontem foi a maior, a mais cruel, a mais ignóbil, mas outras se têm efetuado, em menor escala. (...) Não será arriscando a vida ou pelo menos a saúde de seus filhos que hão de inculcar-lhes noções de civismo e de patriotismo. Recusem firmemente, se não quiserem ter na consciência o peso de uma tremenda responsabilidade (*A Noite*, 15 de outubro de 1920).

O interessante pedido do jornal aos pais revelou um fato importante apontado por Lambert em seu trabalho. Tais cerimônias, festas cívicas, paradas ou desfiles necessitam da participação voluntária da sociedade, sendo que tal adesão não se faz de forma alienada (LAMBERT, 1994: 128), aspectos interessantes podem demonstrar esse ponto, como o fato de algumas escolas terem deixado o evento antes da chegada do rei devido ao estado de saúde de alunos. Voltando para o artigo do jornal *A Noite*, cerimônias desorganizadas como a da Quinta da Boa Vista não estimularia nas crianças valores como “civismo” ou “patriotismo”, assim, seria aconselhável que os pais não permitissem mais a participação de seus filhos em tais eventos.

O jornal *Correio da Manhã* também ressaltou a festa como “um verdadeiro suplício para as crianças que nela tomaram parte”, e ainda destacou uma nota que segundo o jornal “convém registrar”. A Cruz Vermelha teria oferecido 60 enfermeiras para o serviço de assistência que teria sido rejeitado pelos organizadores do evento “resultado foi o que se viu: a insuficiência dos serviços de assistência o que originou cenas deploráveis” (*Correio da Manhã*, 15 de outubro de 1920). Para o *Jornal do Brasil*, a festa que poderia ter sido “grandiosa, única mesmo”, com um programa “bem escolhido”, se tornou um martírio para as crianças (*Jornal do Brasil*, 15 de outubro de 1920). O tom de crítica à festa é bem ameno no jornal *O Paiz*, que apontou apenas alguns aspectos negativos na organização, como o policiamento deficiente para o controle do público, no mais, para o jornal a festa “pelo cunho popular, deve ter calado profundamente ao espírito de suas majestades” (*O Paiz*, 15 de outubro de 1920).

Enfim, malfadada a tão esperada Festa da Quinta da Boa Vista, restava a Festa Veneziana. Além do desfile das embarcações decoradas, a festa contaria também, com uma orquestra proposta pelo maestro Mario Cardoso que se apresentaria em uma das varandas do Pavilhão de Regatas da Praia de Botafogo, de onde os reis apreciariam a festa. Do repertório constavam composições de Alberto Neponuceno, Carlos Gomes, Francisco Braga, Leopoldo Miguez e Henrique de Mesquita.

As referências dos jornais à festa pintaram um cenário espetaculoso. No programa anunciado pelo *O Paiz*, a festa seria marcada desde seu início por múltiplos fogos de artifício que explodiriam no céu da enseada, acompanhando o cortejo marítimo com seus especialmente decorados para a ocasião (*O Paiz*, 14 de outubro de 1920). Vulcões luminosos alocados nos morros da Urca, Viúva e Pasmado complementariam o espetáculo pirotécnico. A iluminação da enseada de Botafogo também mereceu atenção dos organizadores sendo incrementada com mais “20.000 mil lâmpadas, além dos 30 refletores coloridos, modernos, de grande efeito” (*A Noite*, 14 de outubro de 1920).

No mar, as embarcações da Marinha “Deodoro” e “República”, iluminadas em seus contornos, projetariam “seus refletores elétricos sobre as montanhas que circundam a baía” (*O Paiz*, 14 de outubro de 1920), acompanhadas por várias outras embarcações que obtiveram licença para ancorar na baía. Além da orquestra no Pavilhão de Regatas, também seriam instaladas na Avenida Beira Mar oito bandas de música.

Constituíam-se a descrição de um espetáculo imperdível, ou como ressaltou o *Jornal do Brasil* “a julgar pelos preparativos, promete ser a nota mais elegante e atraente de todas as festas que se vem efetuando nesta Capital em homenagem aos augustos visitantes” (*Jornal do Brasil*, 14 de outubro de 1920).

A impressão de que a Festa Veneziana seria um evento muito especial também aparece no jornal *Correio da Manhã*:

Vai ser de certo um espetáculo único; a praia de Botafogo já é uma das jóias mais lindas do Rio. Imagina-se agora o que não vai ser logo mais Botafogo coroado de luzes. Raramente nesta capital se tem anunciado uma festa que prometa mais encantos que a de hoje. Rio com a maravilha das suas praias bordadas de palácios dá-se ares de uma cidade amada pelas águas. Se não tem os canais de Veneza, tem da velha cidade italiana o mesmo mar banhan-

do-se de espumas. E tem, sobretudo esse perfume voluptuoso, que arrasta, como na flor do Adriático, todos os ares de felicidade. Ao Rio bem poderia ser aplicado o verso delicioso com que (...) celebrava Veneza – onde todos os seres sucumbem ao amor, todas as tardes... Os reis da Bélgica vão ter assim, ocasião de conhecer a capital do Brasil sob um aspecto novo, de intensa alegria e extraordinária beleza. Festa organizada pelo Conselho a fim de dar a enseada um aspecto de sugestiva imponência, além da luz que ali foi distribuída fartamente também haverá inúmeros painéis de varias cores. A idéia desse divertimento não podia deixar de provocar, como realmente provocou, entusiasmos e alegria (*Correio da Manhã*, 15 de outubro de 1920).

Além das embarcações decoradas pelos cenógrafos cariocas também participariam do desfile marítimo embarcações das Sociedades de Regatas.

Assim, às vésperas da partida do rei para Bélgica, no dia 15 de outubro, se realizava na praia de Botafogo, a última festa do programa oficial em sua homenagem. Os bondes que se dirigiam para o bairro “iam apinhados de gente (...) nas plataformas, nos estribos, nos anteparos, e, até nos telhados!”, observou o *Correio da Manhã* que “O povo não cabia mais nos bondes que a Light previdentemente fazia correr, um sobre os outros, para o local da festa” (*Correio da Manhã*, 16 de outubro de 1920).

A descrição do *Jornal do Brasil* é ainda mais enfática:

Todo o Rio acorreu a Botafogo, por terra e mar...morros que margeiam litoral ficaram atapetados de gente. (...) A praia apresentava aspecto deslumbrante, destacando-se pela originalidade a belíssima iluminação dos canteiros que orlam as alamedas da Avenida Beira-Mar (...) a profusão de luzes em toda aquela zona davam ao conjunto um realce estranho, parecendo que era a própria alma do povo que se iluminava para que os nossos régios visitantes através dessa intensa claridade, vissem bem nítida gravadas no seu coração as suas imagens para nós tão caras (...). Às 21 horas, a multidão era numerosa e ninguém conseguia sequer mover-se. Cremos nunca ter visto nestes últimos tempos festa mais concorrida (*Jornal do Brasil*, 16 de outubro de 1920).

Com a chegada dos reis iniciou-se a festa, a primeira parte do cortejo marítimo, que estava reservado as Sociedades de Regatas, seria, no entanto, prejudicado por um temporal com ventos fortes que deixou agitado o mar. Muitas das embarcações foram prejudicadas, tendo como conseqüências enormes intervalos entre os desfiles. Segundo o jornal *A Noite*, o vendaval chegou a prejudicar também o desfile dos cortejos dos artistas, que desorganizado e diminuto só pôde se verificar quase de meia noite em diante quando reis e povo em geral estavam já cansados (*A Noite*, 16 de outubro de 1920). Para o *Jornal do Brasil* o vendaval não teria prejudicado totalmente os desfiles programados pelos cenógrafos sendo este de “grande êxito” (*Jornal do Brasil*, 16 de outubro de 1920).

Os cortejos apresentados não variavam muito em seus temas. O primeiro cortejo, de autoria de Jayme Silva, apresentou alegorias que representavam passagens históricas da guerra européia, evocando os feitos da Bélgica, principalmente os do rei Alberto e os do Brasil. O desfile organizado por José Fiúza Guimarães apresentou homenagens à rainha e as Nações aliadas e o terceiro desfile executado por Ângelo Lazzary se destacou por um número de sucesso, um enorme coração abrindo-se apontando o retrato dos soberanos belgas, seguida por embarcações com

temas marinhos representando sereias, cavalos-marinhos, peixes, conchas, perolas, gaivotas, etc.

Para o jornal *O Paiz* a festa “teve, inegavelmente, um grande realce”, a multidão que assista ao evento “deu-lhe o calor e o entusiasmo que são imprescindíveis para o êxito dos festejos de caráter popular” (*O Paiz*, 16 de outubro de 1920). A feição popular do evento também foi ressaltada pelo jornal *A Noite*, caracterizando a festa como “o número mais popular do programa”, apresentando aquele ponto da cidade um aspecto inédito: “Em terra muita gente, muitos veículos, muita luz, muita animação; no mar, embarcações miúdas e navios lindamente iluminados, fogos cambiantes, tudo, enfim, congregado para mais efeito do conjunto” (*A Noite*, 16 de outubro de 1920).

O registro mais interessante sobre a Festa Veneziana está no jornal *Correio da Manhã*, em uma pequena nota intitulada “Aspectos Carnavalescos”. Segundo o jornal, durante a Festa Veneziana, o povo carioca, que “descobre carnaval em tudo”, “teve a oportunidade de fazer de conta que estava na mais querida de suas festas”, pois, a multidão, tanto nos bondes “apinhados” que se dirigiam ao bairro, quanto nas embarcações e lanchas familiares ancoradas na baía, desandava a cantar as letras de maxixes populares como *Pé de Anjo* e *Papagaio Louro*. As músicas eram cantadas em voz alta por todos, para o jornal tinha-se a impressão de estar “em pleno delírio de uma terça feira gorda...” (*Correio da Manhã*, 16 de outubro de 1920).

As impressões apologéticas da festa não unânimes. Em artigo para o jornal *A Noite*, Augusto Lima ressaltou que esta poderia ter sido brilhante, se não fossem os longos intervalos entre os números e o desconforto dos convidados “que não tiveram onde sentar-se, e em grande parte preferiram retirar-se ou assistir ao fogo de artifício de fora dos palanques”. No entanto, ao fazer uma observação da visita como um todo, o autor acrescentou que o Brasil poderia “ufanar-se ao haver correspondido com hospitalidade regia a gentilíssima e cavalheiresca visita do grande rei Alberto e da sua graciosa consorte, a rainha Elisabeth”. Experiências desagradáveis, como Festa da Quinta da Boa Vista não passariam de “sombras efêmeras” que seriam apagadas pela união das duas pátrias, Brasil e Bélgica, “indissolúvelmente unidas depois da visita dos soberanos belgas” (*A Noite*, 16 de outubro de 1920).

4. Considerações finais

Após a partida do rei, continuaram os comentários sobre o fracasso da Festa Infantil da Quinta da Boa Vista e a própria Festa Veneziana foi alvo de acusações de desvio de verbas para sua organização. Elas não seriam “sombras efêmeras” como apregoou Augusto Lima, seus “ecos”⁵ ainda seriam ‘ouvidos’ durante algum tempo.

5. Em seu trabalho sobre o carnaval carioca, Maria Clementina Pereira Cunha, ressaltou que mesmo passadas as folias carnavalescas, estas ainda continuavam sendo comentadas pelos jornais em crônicas ou colunas que utilizavam a palavra ecos principalmente em seus títulos, o que demonstra segundo a autora o fascínio que cercava a festa de Momo, ou seja, “algo capaz de manter no ar, mesmo nos dias seguinte, sua sonoridade original, digna de ser lembrada”. CUNHA, M. C. P. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 13.

Nos dias seguintes à Festa Infantil da Quinta da Boa Vista, por exemplo, jornais como *A Noite* e *Correio da Manhã* publicaram matérias sobre as inúmeras crianças que ainda estavam perdidas, apontando também para outras muitas que se encontravam doentes, devido ao excesso de calor. As notícias levou o prefeito a publicar nota apontando que apenas três meninas teriam adoecido, se encontrando já “em caminho de franco restabelecimento” (*Correio da Manhã*, 18 de outubro de 1920). O prefeito também publicou outra nota negando o boato de que seriam punidas as crianças que deixaram de comparecer ao evento, comentado enfaticamente pelo jornal *A Noite*:

Depois que se consumou a brutalidade prussiana irrisoriamente dita em homenagem aos soberanos da heróica Bética, francamente, era isso que faltava, para a obra ficar completa, bem acabada, sem nada lhe faltar, para que o aspecto prussiano fique bem caracterizado: castigar os que escaparam ao suplicio! (*A Noite*, 20 de outubro de 1920)

A nota sobre o boato publicada pelo gabinete do prefeito esclareceu que só compareceram à festa os alunos “devidamente autorizados por suas famílias”, assim tal boato “não tem o menor fundamento” (*Jornal do Brasil*, 22 de outubro de 1920).

Os comentários do jornal *O País* sobre a festa infantil se destacam dentre os outros, pois, dão pouco enfoque a sua desorganização ou à experiência descrita como desagradável, devido ao calor, pela qual teriam passado as crianças. Segundo o jornal, as crianças “sofreram um pouco”, mas isso passou, “não houve males maiores”. Sobre as críticas ao evento que foram publicadas nos outros jornais, observou que se trata da “tendência para fazer de um arqueiro um cavalheiro”, ou seja, estava-se exagerando os aspectos desastrosos do evento. Para o jornal, o culpado do calor excessivo que “atormentou” as criancinhas era o inspetor de matas e jardins do município pela poda excessiva das árvores do parque, transformando-o em “um matadouro, não só para as crianças, mas de quantas pessoas por ali se arrisquem à pé nos dias de grande sol” (*O País*, 18 de outubro de 1920).

Já os “ecos” da Festa Veneziana apontariam para os gastos excessivos com sua organização, indicados primeiramente, na carta do cenógrafo Públio Marroia, publicada tanto no *Jornal do Brasil* como no *Correio da Manhã*. Segundo o cenógrafo, que não havia tomado parte na organização da Festa Veneziana, esta não passou de um negócio ilícito “cujo assalto aos cofres públicos era, a principio, de 600 contos, para ornamentação de 60 barquinhos...”, explicou o cenógrafo que apenas com a intervenção do presidente da República “a coisa ficou por 300 contos!”⁶

As denúncias do cenógrafo dão margem a polêmicas. O *Jornal do Brasil* publicou artigo colocando que tanto o público que compareceu a festa, quanto o próprio presidente “tem o direito de pedir contas do dinheiro” utilizado para sua organização (*Jornal do Brasil*, 20 de outubro de 1920). Para apurar as denúncias o presidente nomeou então uma comissão do Ministério da Justiça para examinar e sindicatar das contas e contratos feitos por ordem da Mesa do Conselho Municipal com relação Festa Veneziana (*Jornal do Brasil*, 22 de outubro de 1920).

É interessante observar que tanto a Festa Infantil quanto a Festa Veneziana deixaram os seus

6. A carta do cenógrafo foi publicada no dia 18 de outubro de 1920 pelos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*.

“ecos”, e não foram “lidas” da mesma forma pela imprensa. O jornal *A Noite* desferiu as críticas mais aguadas à Festa Infantil, enquanto para jornal *O Paiz* havia ocorrido certo exagero com relação aos aspectos catastróficos da festa. Já o suposto “carnaval” que iria se apresentar na enseada de Botafogo, despertou um artigo radiante do *Correio da Manhã*, que posteriormente iria apontar “alguns aspectos carnavalescos” na própria festa. Já o *Jornal do Brasil* não deixou de acompanhar o escândalo dos negócios ilícitos que teriam ocorrido na organização da Festa Veneziana. No entanto, ambas as festas receberam constantemente por parte destes jornais o adjetivo de “populares”, com várias referências ao grande número de pessoas que compareceram ao evento.

Nesse sentido, a Festa Infantil, além de popular era caracterizada como uma festa democrática, por conta da participação de alunos pobres e ricos, em um claro sentido de passar aos reais visitantes e ao público, uma imagem de sociedade igualitária e justa. Mas, falta organização à festa. Quando isso acontece o público passa dos seus “limites”, rompendo o cordão de isolamento ou atacando os poucos lanches servidos no evento, em um espetáculo nada elegante. Um ponto interessante que a Festa da Infantil ressaltou está nas críticas à desorganização, sinal de que se exigia que a apresentação de uma sociedade mais civilizada, mais organizada aos grandes visitantes, e não crianças caindo desmaiadas e um público descontrolado.

A outra também popular Festa Veneziana, que não tinha um ritual tão marcado como a Festa Infantil, acaba se colocando como a festa que mais se identificou com a cidade do Rio de Janeiro, que mais ressaltou suas belezas. Talvez nesta festa fosse possível observar o “espectador deliciado”, caracterizado por Oscar Lopes, maravilhado, principalmente, com o espetáculo luminoso que se desenrolava em sua baía; ou poderíamos ver também um público cantando seus maxixes populares, atribuindo outro significado, outra característica àquela festa pensada para celebrar não apenas os nobres visitantes, mas a arte nacional materializada nos trabalhos dos cenógrafos dos clubes carnavalescos. A festa foi também aclamada por sua originalidade, por seu caráter inédito, que mesmo os ventos que aflagiram a baía naquela noite poderiam levar.

Por fim, foi possível visualizar que o dito fracasso da Festa Infantil levantou dúvidas sobre a própria legitimidade do evento, ao compor uma imagem negativa e cruel da sociedade, já a Festa Veneziana, com seus ‘ares’ carnavalescos, apresentou-se mais alegre, mais colorida, encerrando ‘com chave de ouro’ a visita dos soberanos belgas ao Brasil.

BIBLIOGRAFIA

Periódicos:

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1920.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1920.

A Noite. Rio de Janeiro, 1920.

O Paiz. Rio de Janeiro, 1920.

Livros e artigos:

CAUFIELD, S. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

CUNHA, M.C.P. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERREIRA, J; DELGADO, L.A.N (org.). *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano).

GABAGILIA, L.P.R. *Epitácio Pessoa (1865-1942)*. São Paulo: José Olympio, s./d.

GARAMBONE, S. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

JANCSÓ, I. e KANTOR, I. (org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.

LAMBERT, H. M. F. C. “Festa e participação popular: São Paulo – início do século XX”. In: *História*, n.º.13, 1994, p. 121-29.

LOPES, A. H. (org.). *Entre Europa e África: a invasão do carioca*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Topbooks, 2000.

MACHADO, M. C. T. (org.); PACHECO, Cardoso Heloisa Helena (org.). *História: narrativas plurais, múltiplas linguagens*. 1ª. ed. Uberlândia: Edufu, 2005.

MOTA, M. S. A. *Nação faz 100 anos. A questão nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC, 1992.

NEDELL, J. *Belle époque tropical*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

OCTAVIO, R. *Minhas memórias dos outros*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1935.

OLIVEIRA, L. L. “As festas que a República manda guardar”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º.4, 1989, p.172-189.

_____. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. (org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

PARADA, M. B. A. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e praticas disciplinares no Estado Novo*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Rio de Janeiro. 2003.

PESSOA, E. *Pela verdade*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1925.

PINTO, S. C. S. *Elites políticas e o jogo de poder na cidade do Rio de Janeiro (1909-1922)*. Rio de Janeiro: Tese Doutorado UFRJ/IFCS, 2002.

REIS, L. V. S. “O que o rei não viu: música popular e nacionalidade no Rio de Janeiro da Primeira República”. *Estudos Afro-asiáticos*, 2003-01-01.

SEVCENCKO, N. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 4.ª edição, 1995.

SODRE, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SUSSEKIND, F. *Cinematógrafo de letras. Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VELLOSO, M. P. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VISCARDI, C. M. R. *O teatro das oligarquias: uma revisão da política do ‘café com leite’*. Belo Horizonte: C/A, 2001.

WANDERLEY, M. R. *JUBILEU NACIONAL: A comemoração do quadricentenário do descobrimento do Brasil e a refundação da identidade nacional (1900)*. UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Departamento de História (dissertação de Mestrado). 1998.